

A RELAÇÃO ENTRE VIVÊNCIA CORPORAL E REPRESENTAÇÃO PSÍQUICA NO NASCIMENTO DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA (1888 A 1896).

THE RELATIONSHIP BETWEEN BODY EXPERIENCE AND REPRESENTATION THE EARLY FREUDIAN METAPSYCHOLOGY (1888 1896)

Mauro Fernando Duarte

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo a apresentação sintética dos resultados de investigações realizadas a respeito da relação entre corpo e representação nos textos freudianos entre 1888 e 1896, visando a análise de textos que explicitam como a teoria psicanalítica, em sua origem sobretudo, é permeada pela problemática da vivência corporal e sua relação/influência com o nascimento do aparelho psíquico. Tomamos os conceitos de representação, de afeto e de mecanismos psíquicos de defesa como seus principais operadores teóricos e que enfatizam o laço indissociável entre corpo, afeto e representação na teoria freudiana do aparelho psíquico. Tenta-se responder como pode o corpo ser abordado, estudado e tratado pelo instrumento teórico da psicanálise. Conforme se conclui a seguir com a análise dos primeiros escritos freudianos, além de existir, este corpo foi fundamental na construção daquele instrumental teórico-clínico, acima de tudo pois é a partir das vivências iniciais corporais de dor e de prazer que se organizam as dinâmicas psíquicas que Freud considerará, posteriormente, como aparelho psíquico.

PALAVRAS CHAVES: Corpo, representação, metapsicologia, Freud.

ABSTRACT

This article aims to an synthetic presentation of the investigations results on the relationship between body and representation concept in Freudian texts between 1888 and 1896, aimed at analyzing texts that explain how psychoanalytic theory, especially in its origin, is permeated by problem of body experience and its relationship / influence with the birth of the psychic apparatus. We take the concepts of representation, affection and psychic mechanisms of defense as their main players and theorists who emphasize the inseparable bond between body, affect and representation in Freudian theory of the psychic apparatus. We try to respond as the body can be addressed, studied and treated by theoretical instrument of psychoanalysis. As it concludes with the following analysis of the first Freudian writings, plus there is this body that was instrumental in building fundamental theoretical and clinical, above all because it is from the early experiences of bodily pain and pleasure that are organized dynamics psychic consider that Freud later as psychic apparatus.

KEYWORDS: metapsychology, psychic apparatus, psychosomatics, psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo a apresentação sintética dos resultados de investigações realizadas a respeito da relação entre corpo e representação nos textos freudianos entre 1888 e 1896, tendo como metodologia principal a apresentação e discussão de conceitos que permeiam a construção da teoria do autor sobre o aparelho psíquico. Esta primeira década da formulação teórica de Freud é permeada pela problemática da vivência corporal e sua relação com o nascimento do aparelho psíquico, tendo os conceitos de representação, de afeto e de mecanismos psíquicos de defesa como seus principais operadores teóricos. Nascidos da prática clínica freudiana, tais conceitos assumem papel de destaque na organização e norteamto da técnica freudiana, bem como da teoria que dela advém

Há um laço indissociável entre corpo, afeto e representação na teoria freudiana do aparelho psíquico. Estes conceitos, muitas vezes apresentados como se dotados de coerência e de estrutura teórica bem fundamentada, acabam cedendo a uma leitura mais

97

R
E
V
I
S
T
A

cuidadosa na qual é possível verificar que sua definição é complexa e talvez sequer ordenada de maneira tão clara no decorrer da obra. Daí a necessidade da retomada de textos fundamentais e da organização do pensamento e das influências que nortearam a construção da teoria.

Neste artigo, inicialmente, colocaremos a problemática do corpo em relação aos objetivos iniciais de Freud e seus contemporâneos, a explicação etiológica da histeria e o rompimento com a tentativa de localização de lesões específicas. Veremos a formulação de uma explicação complexa que possa abarcar o funcionamento e a psicopatologia dos sintomas neuróticos e que, ao mesmo tempo, abarque a problemática fisiológica e psicológica. Acompanharemos, com o estudo do *Projeto de uma Psicologia* (Gabbi Jr. 2003, [referido doravante como *Projeto* (1895/2003)]) e textos afins, como o corpo se torna objeto de uma abordagem psicológica para Freud. Por fim, numa tentativa de delimitar o conceito de corpo para a psicanálise, avaliaremos sua importância na explicação do surgimento do aparelho psíquico, o papel da sexualidade e da alteridade nessa construção e, por fim, a importância que têm os conceitos de representação e corpo na construção da ciência psicanalítica, seu valor epistemológico e metodológico que determinará, portanto, sua definição e orientação no campo metapsicológico.

O CORPO E OS OBJETIVOS INICIAIS DE FREUD

98

O corpo biológico não é necessariamente objeto da psicanálise, não tem espaço delimitado no campo da metapsicologia psicanalítica e exige a questão: haveria então um corpo passível de ser abordado, estudado e tratado pelo instrumento teórico da psicanálise? Conforme demonstrado a seguir com a análise dos primeiros escritos freudianos, além de existir, este corpo foi fundamental na construção daquele instrumental teórico-clínico. A saber, o corpo vivido, fenomenológico e muito aquém da anatomia ou outras ciências, este é o corpo no qual se apóia a construção do sustentáculo teórico da psicanálise: o aparelho psíquico.

A partir de seu artigo *Histeria* (Freud, 1888a/1975) e de suas análises sobre a distinção clínica entre doenças orgânicas e as patologias neuróticas na mesma época, Freud acaba por lançar as bases teóricas de um novo entendimento sobre o corpo, sustentada por uma teoria própria de representação. Torna-se possível, com as hipóteses freudianas, avançar na compreensão daquilo relevado pela histeria como uma forma particular de compreender a dinâmica relacionada à representação psíquica do corpo. Esta base teórica é observada em sua construção, sobretudo, quando retomamos o texto *Sobre a concepção das Afasias: um estudo crítico* (Freud, 1891/2008), [doravante neste artigo referido somente por *Afasias* (1891/2008)], no qual se formula uma hipótese de como o corpo é representado no córtex cerebral.

No texto de 1888 percebe-se que os aspectos dinâmico e fisiopatológico da explicação da histeria são sublinhados, orientados pela observação de certas manifestações clínicas da histeria quando comparadas à paralisia motora (Freud, 1893 [1888-93]/1988, p. 74). Do estudo freudiano constata-se que, em que pese os sintomas somáticos tão constantes na sintomatologia da histeria, sempre havia os sintomas de ordem psíquica que, apesar de até aquela data não terem sido extensivamente descritos, se repetiam como traços importantes na semiologia da histeria. Freud recorre, então, a uma formulação de ordem fisiopatológica afirmando que esses sintomas psíquicos seriam decorrentes de alterações na distribuição normal das quantidades de energia ou de excitação no sistema nervoso.

A teoria desenvolvida no ensaio freudiano (*Afásias* (1891/2008) permite, por sua vez, defender que não há uma diferença de natureza entre corpo e representação, concebendo ambos como dois níveis do mesmo processo, um processo material, dando inteligibilidade, uma compreensão coerente da ação direta do psíquico sob os processos corporais. O pensamento freudiano se livra dos moldes da impressão de elementos isolados e exige a noção de processo, atrelando a representação a uma associação complexa, sempre.

Fisiopatologia da histeria e da representação

Com o texto *Histeria*, publicado no Dicionário de Villaret (Freud, 1888a/1975), vemos o anúncio da necessidade dessa fórmula “fisiopatológica” para a compreensão etiológica da histeria, ou seja, uma elaboração que fizesse justiça à complexidade dos fenômenos histéricos e prescindisse da localização anatômica para o mesmo. Esta fórmula, contudo, continuava apoiada em hipóteses de modificações fisiológicas reais no sistema nervoso. Com o texto, a histeria se identifica na articulação entre fisiologia e psicologia, numa lesão não reconhecida como simplesmente material, mas associativa entre as idéias e a excitabilidade do sistema nervoso. Elimina-se de forma definitiva a hipótese de perturbação orgânica como sua causa única e abre espaço para a articulação entre elementos fisiológicos e psicológicos, ou seja, a excitabilidade do sistema nervoso e as associações de idéias, bem como seus impedimentos.

No mesmo ano, no texto em que compara as paralisias orgânicas e histéricas (Freud, 1893 [1888-93]/1988), são lidos os esboços desta fórmula, e a expressão “lesão de uma representação” toma forma quando afirma que, psicologicamente, há casos em que uma representação é incapaz de se associar com outras idéias. A imagem ou representação do braço, por exemplo, caso impedida de acesso, como se a mesma não existisse, refletiria uma paralisia histérica do braço (Freud, 1893 [1888-93]/1988, p. 208). Se retornarmos às hipóteses de alguns anos antes, no texto sobre as *Afásias* (1891/2008), pode-se compreender que, para Freud, todo o fenômeno representacional (psíquico, portanto) é derivado de um processo eminentemente cortical, de um funcionamento do sistema nervoso, ou seja, Freud atrela a processos fisiológicos complexos toda construção psicológica, revelados à luz de reflexões sobre o conceito de representação.

Com o conceito de representação tem-se um marco importante na passagem do pensamento freudiano, a saber, do referencial neurológico para psicológico, e deste advém algumas considerações também importantes para a compreensão da representação do corpo: que a representação do corpo no córtex trata-se de uma atividade cerebral inconsciente; que essa representação não pode ter como base as regras anatômicas da distribuição nervosa, uma vez que os sintomas histéricos são isentos de compromisso com a anatomia; que o processo tem ligação com o significado atribuído às funções corporais representadas, ou seja, no sentido que se constrói da função do órgão. Assim, com a relação entre experiência corporal, complexa em seus sentidos fisiológicos e simbólicos, e os desdobramentos nervosos da sensação/percepção até o córtex, num complexo dinâmico, produz-se uma atividade não necessariamente consciente, mas que abarca todo esse complexo relacional entre órgão-experiência-significado, ou seja, a representação psíquica. Numa relação interdependente, portanto, tanto um impedimento desse fluxo fisiológico dinâmico pode afetar a representação quanto a impossibilidade de acesso a esta representação poderia também impedir o livre fluxo de energia, ambos culminando em sintomatologias específicas.

Em seu prefácio à versão em alemão da obra de Bernheim, Freud (1888b/1975) considera de forma mais clara os fatores de natureza psicológica da histeria, mas defende a necessidade de uma explicação das prováveis modificações fisiológicas para suas manifestações. Contudo, premido pelas dificuldades técnicas e epistemológicas de se estudar essa face do fenômeno, Freud aponta os motivos de sua gradual dedicação e interesse por uma interpretação estritamente psicológica da doença: fundamentalmente porque a sugestão ainda obtinha uma vantagem sobre os fenômenos fisiológicos de maneira clara e incontestável, ao passo que as investigações fisiológicas ainda não poderiam alcançar uma explicação razoável (Freud, 1888b/1975, p. 103).

Apesar de, nessa época, não subestimar jamais a importância do substrato material fisiológico na etiologia da histeria e das neuroses, a necessidade de uma interpretação fundamentalmente psicológica para estas afecções se fazia cada vez mais clara no decorrer dos trabalhos freudianos. Dada a dificuldade de se mapear fisiologicamente a histeria de forma mínima, a metodologia de Charcot, por sua vez, poderia mascarar esse impasse ao priorizar as evidências clínicas em detrimento de explicações mais teóricas.

Em 1890, no texto *Tratamento Psíquico*, já tentando aprofundar-se na compreensão da natureza do mecanismo mental implicado na histeria, assinala que:

O estado patológico de modo algum faz parte das precondições da hipnose: as pessoas normais costumam deixar-se hipnotizar com especial facilidade, enquanto os neuróticos são muito mais difíceis de hipnotizar e os doentes mentais são completamente rebeldes. (Freud, 1890/1975, p. 117)

100 Superando a dissociação entre normal e patológico na condição para o estado hipnóide, indo além da posição de Charcot da susceptibilidade hereditária à hipnose, Freud declara seu distanciamento, deixando de lado aqui o fundamento fisiológico como fator imprescindível. Com as reformulações sobre o processo representacional sugeridas pelo texto sobre as *Afásias* (1891/2008), Freud rompe definitivamente com o modelo mecanicista de corpo e recorre a algo mais parecido como uma “adjetivação do somático”, ou seja, uma fluência do complexo processo fisiológico que permite a representação em detrimento da projeção pontual do orgânico, muito defendida na época por autores como Meynert, Wernicke e Lichtheim. Tais autores são contestados por Freud ao sugerir que a relação entre o sintoma afásico e seu fator determinante não deveria ser procurada de forma exclusiva em alterações anatômicas do cérebro (Freud, 1891/2008).

O texto sobre as afásias insurge, portanto, de forma resoluta contra o anatomismo e o monismo fisicalista¹ que cerrava o fenômeno psíquico aos limites do cérebro. Contudo, com o texto do *Projeto* (1895/2003), veremos uma mudança importante nesta posição sobre a relação mente/corpo, no sentido de retomar uma posição radicalmente monista e com o objetivo de uma solução novamente fisicalista para tal problema, delegando aos processos dolorosos e de satisfação, fundamentais na primeira fase do desenvolvimento humano, a função de protótipos para o surgimento do psiquismo e também da neurose. A solução desse impasse, veremos, é que com o *Projeto* (1895/2003) temos a descrição de um possível funcionamento fisiológico e dinâmico do psíquico, um aparelho especial que inscreve a experiência vivida por meio de determinadas atividades desde a percepção até o pensamento num processo contínuo (monista), pressupondo uma materialidade de descargas que, dependendo de fatores quantitativos, pode ou não ser tomados de qualidade (consciência e memória).

¹ Referimo-nos aqui a um Fisicalismo reduutivo, ou seja, a uma concepção de que tudo no mundo pode ser reduzido à sua base física ou material fundamental, inclusive os processos orgânicos e psíquicos.

A Psicologia da Fisiopatologia

Com o texto do *Projeto* (1895/2003), Freud também articula e justifica teoricamente a hipótese da defesa, conceito capital para sustentar o argumento a favor de uma explicação da etiologia das neuroses por meio de causas adquiridas, e se dedica a pensar a relação entre a percepção (o material e sensorial), e a representação psíquica desta experiência (a imagem do objeto percebido), dado que o modelo de funcionamento do aparelho que descreve baseia-se na ativação alucinatória de um objeto vivenciado anteriormente, um objeto de desejo, e na condição principal para se distinguir entre a percepção e essa ativação alucinatória (memória), ou seja, a frágil inibição do eu no curso dos processos psíquicos, os quais chamou de primários.

Quanto a Charcot, o núcleo de sua tese sobre a etiologia da neurose era a lesão dinâmica, na funcionalidade e fisiologia do cérebro ainda que não fossem constatáveis no exame de necropsia, e a controvérsia de Freud a esta tese pode ser percebida ainda no texto do *Projeto* (1895/2003), além de já constar na diferenciação que faz anteriormente entre as paralisias motoras orgânicas e histéricas (Freud, 1893/1988). De um lado, o *Projeto* (1895/2003) expressa a tentativa de oferecer uma explicação funcional, sustentada pela elaboração teórica e clínica em curso há quase uma década, desde o estágio com Charcot, em Paris, do mecanismo psíquico atrelado à histeria. Por outro lado, ao aprofundar esse plano, ou seja, a visão do mecanismo psíquico inerente ao fenômeno histérico, argumenta contra hipótese da lesão dinâmica tão cara ao pensamento de Charcot. Enquanto o modelo de lesão orgânica requisitava uma explicação neurobiológica, o modelo freudiano de alteração dinâmica dispensa tal teorização.

Neste mesmo texto de 1893 ainda encontramos tanto o modelo de aparelho psíquico quanto os fundamentos neurológicos necessários para que, no caso da paralisia histérica, independentemente da lesão ou interrupção da base anatômica correspondente, houvesse o bloqueio de uma determinada representação corporal, característica da histeria. Este novo modelo vale-se, em grande parte, das teorias retiradas por Freud de seus estudos sobre as afasias.

Há, portanto, uma vertente de explicação que podemos chamar de funcionalista, ou seja, tanto no aspecto dinâmico do psiquismo (articulação representacional) quanto do próprio funcionamento do sistema nervoso, o conceito de funcionalidade é utilizado por Freud, mesmo que possa ser compreendida com conotações diversas ao longo de sua obra. Em seu ensaio sobre as *Afasias* (1891/2008), por exemplo, o termo funcional designa, em certas passagens, a natureza da relação entre a estrutura cerebral e o seu funcionamento. Em outras partes, como no texto *Hipnose* (Freud, 1891b/1975), funcional refere-se a níveis de funcionamento de determinada unidade anatômica.

Em geral, evitaremos aplicar o tratamento hipnótico em sintomas que tenham origem orgânica; empregaremos esse método apenas em casos de doenças nervosas puramente funcionais, em doenças de origem psíquica, bem como em casos de dependência de tóxicos e outras dependências. Ainda assim, convencer-nos-emos de que numerosos sintomas de doenças orgânicas são acessíveis à hipnose e de que a modificação orgânica pode existir sem distúrbio funcional dela decorrente. (Freud, 1891b/1975, p. 139)

Fundamental para nossos objetivos, entretanto, é compreender que é com o *Projeto* (1895/2003) que Freud constrói sua primeira teoria da constituição do psíquico também partindo de uma descrição de seu possível funcionamento fisiológico e dinâmico.

101

R
E
V
I
S
T
A

Esta teoria comporta a descrição e organização de uma realidade apta para inscrever-se por meio de determinadas atividades e processos no interior de um aparelho especial, ou seja, o aparelho psíquico. Há uma divisão desse conceito de realidade no *Projeto* (1895/2003): há a realidade da percepção e a do pensamento, ambas materialmente reais pelo pressuposto da substancialidade das descargas sensoriais (signos de realidade na percepção e signos de descarga linguística no caso do pensamento). No movimento qualitativo desses sinais no interior do aparelho temos a existência subjetiva dos mesmos, ou seja, sua susceptibilidade a serem tomados pela consciência e lembrados.

Um ano antes, em um texto intitulado *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 1894a/1975) Freud lança a hipótese de que seria possível ocorrerem processos psíquicos na ausência da consciência, formulando assim uma hipótese sobre o mecanismo psíquico das psiconeuroses. Segundo tal mecanismo, a gênese da histeria de defesa, das fobias, das obsessões e das psicoses alucinatórias seria derivada do esforço do eu na defesa contra uma representação intolerável. Essa defesa se daria pelo isolamento da representação da consciência e constituindo um grupo psíquico secundário, processo este que se daria na dissociação entre a representação e seu afeto, ocorrendo sem a qualidade de consciente:

O divórcio entre a representação sexual e seu afeto, e a ligação deste último com outra representação, adequada mas não inconciliável: temos aí processos que acontecem sem consciência, os quais somente se supõe, e nenhuma análise clínico-patológica pode demonstrar. Talvez fosse mais correto dizer: estes, de modo algum, são processos de natureza psíquica, mas processos físicos cuja consequência se apresenta como se fosse real e tivesse acontecido o expresso por meio do circunlóquio “divórcio entre a representação e o afeto”, e “ligação falsa” deste último. (Freud 1894a/1975, p 54)

102

Neste texto sobre as neuropsicoses de defesa (Freud, 1894a/1975), temos a identificação dos processos que se produzem fora do alcance da consciência como processos puramente físicos. Contudo, em 1895 com o texto *Estudos sobre a Histeria*, Freud e Breuer relacionam os sintomas histéricos a representações inconscientes (psíquicas, portanto), ainda que defendessem opiniões distintas sobre o mecanismo psíquico da histeria. Para Freud, haveria dois tipos de representações patogênicas que permaneciam inconscientes, pelo menos até emergirem no processo terapêutico: as que podem ser lembradas, ou seja, que o sujeito reconhece como suas, e as que não são lembradas, que são aquelas que, apesar de aceitas pelo paciente, não são reconhecidas pelo paciente como tendo sido um dia vivenciadas, apesar de acompanharem o alívio do sintoma (Caropreso, 2003b). Tal diferenciação apreciamos no trecho abaixo dos Estudos sobre a *Histeria*, de 1895:

(...) com a ajuda deste procedimento, que ora mostra, desde o ponto em que cessaram as reconduções do enfermo na vigília, o caminho posterior; ora chama a atenção sobre nexos que caíram no esquecimento, depois convoca e ordena recordações que desde muitos anos atrás estavam subtraídas à associação, apesar do que ainda se pode discerni-las como recordações e, como operação suprema da reprodução, faz aflorar pensamentos que o enfermo nunca quer reconhecer como seus, que ele não recorda, embora admita que o contexto os exige imprescindivelmente e, nesse transcurso, se convence de que essas representações, e não outras, produzem o fechamento da análise e o cessar dos sintomas. (Freud, 1895b/1975. p. 279)

De outra forma, com as Neuroses de Angústia (termo cunhado por Freud para

diferenciá-la da histeria), ter-se-ia como sintoma central a expectativa ansiosa ou angústia flutuante, uma quantidade acumulada de excitação da qual se originaria uma irritabilidade, ou ataques de angústia, ou hipocondria etc., todos com diversos sintomas somáticos associados, sobretudo a sensação de falta de ar (Freud, 1895a/1975). Também nesses casos não havia nenhuma origem psíquica para a angústia, ou seja, não haveria processo defensivo que descolasse o afeto de uma representação, contudo se tratava de um acúmulo afetivo, de excitação, também de origem sexual. Mais ainda, os quadros eram acompanhados por uma diminuição da vontade sexual (ou libido), indicando que essa excitação somática não chegava ao psiquismo. Aqui cabe lembrar que, nesse período, antes da construção do conceito de pulsão, Freud distingue os termos libido somática e libido psíquica, sendo a somática a excitação corporal, de origem organo-sexual, enquanto a psíquica seria ligada ao desejo sexual.

Com isso, Freud afirma que o mecanismo da neurose de angústia estava relacionada com uma “deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica, com um consequente emprego anormal dessa excitação” (Freud, 1895a/1975 p.109), havendo um acúmulo não descarregado de excitação sexual, que não transpõe o limite entre o somático e o psíquico, ficando impedido de ter acesso à consciência, além de transformado depois em descarga somática, sob a forma de ataques de angústia.

O Corpo psicanalítico (excitável e representável)

Desde a descoberta de que a fala age sobre o corpo, temos o afastamento do referencial de corpo anatômico e a aproximação de um corpo sentido e representado a partir de uma experiência muito primitiva, longe demais da organização da linguagem, porém evidenciada pela forma especial do fenômeno histérico de conversão, distinguindo o corpo biológico do corpo psicanalítico, não mais sujeito da ordem fisiológica ou distribuição anatômica dos órgãos, mas um organismo dirigido pelas leis do desejo inconsciente.

A problemática do corpo tal qual abordada no decorrer deste artigo, indica um ponto fundamental nas vicissitudes epistemológicas da psicanálise e que devem ser constantemente enfatizadas a fim de garantir a especificidade do método e da teoria psicanalítica, bem como suas relações com outras ciências como a medicina, por exemplo. Nesse sentido, tanto na teoria e lógica representacional, na organização do aparelho psíquico, quanto na hipótese da angústia como excesso e transbordamento, encontramos os pilares para se refletir sobre o papel do corpo em Freud.

Um dos documentos mais importantes nesse sentido é, sem dúvida, o já citado *Projeto* (1895/2003), tentativa de teorização neuropsicológica sobre o funcionamento psíquico. O problema central abordado por Freud no texto é a tentativa de justificar teoricamente e fornecer uma base constitucional para a hipótese da defesa, a qual já elaborava e articulava na clínica cotidiana. O conceito de defesa era capital, por sua vez, para sustentar o argumento a favor da hipótese das causas adquiridas na etiologia das neuroses e, mais, da própria constituição do aparelho psíquico. Tanto que, como afirma o próprio Freud: “A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa todo o edifício da psicanálise, sua peça mais essencial” (Freud, 1914/1975, p. 15). Com essa problemática, portanto, temos Freud dedicado à articulação entre a percepção (o material e sensorial), e a representação psíquica desta experiência (a imagem do objeto percebido), dado que o modelo de funcionamento do aparelho que descreve baseia-se na ativação

alucinatoria de um objeto vivenciado, um objeto de desejo, e na condição principal para se distinguir entre a percepção do objeto e essa ativação alucinatoria (memória), ou seja, a frágil inibição do eu no curso dos processos psíquicos.

Nessa formulação, os precipitados das vivências, principalmente as de dor e de satisfação, tomam o patamar de estruturas fundamentais sobre as quais se constituem as representações ideativas e afetivas, aspecto central da teoria da memória e protótipos de processos psíquicos normais e patológicos como o pensamento e a defesa. Temos um aparelho que é fruto da organização contra a intensidade energética. O psíquico surge como organizador, ligando essas intensidades e inibindo a compulsão, organizando os processos de pensamento a fim de encontrar-se numa ação específica, processo no qual se faz imprescindível a ação do outro, adulto e modelo de identificação.

Freud aborda os fenômenos psíquicos conscientes enquanto paralelos a uma parte dos processos nervosos no decorrer do texto, propondo que toda representação consiste num processo cortical e independente da consciência. O psiquismo consciente passa, agora, a ser concebido como processo posterior à atividade representacional e restrito a ela, atribuindo uma qualidade psicológica aos processos corticais que, no texto sobre as *Afásias* (1891/2008) eram considerados concomitantes a processos psíquicos.

Com o *Projeto* (1895/2003), incorpora-se a importante premissa de um psiquismo inconsciente, além de delimitar as características dos processos associativos que formam as representações e os mecanismos que as governam. Expande-se, nestes textos iniciais de Freud, a singularidade do conceito de psiquismo com a desvinculação dos conceitos de representação e consciência, aumentando a complexidade teórica do conceito de psíquico inconsciente e representacional, pedra fundamental para apoiar os posteriores desenvolvimentos da teoria.

104

Sexualidade e alteridade

Ao distinguir as psiconeuroses e as neuroses atuais, Freud (1893/1988) põe em evidência as problemáticas sexuais infantis e as do adulto, respectivamente, e com a segunda sublinha a hipótese do transbordamento da sexualidade no corpo (pela impossibilidade de representação), produzindo uma sintomatologia que não se confundia com os sintomas da histeria clássica (Freud, 1894a/1975). Com esta hipótese Freud afirma que nem sempre o biológico do corpo assume um *status* representacional, não estando ligado a um sistema significante, e permite pensarmos um excesso que atravessa o aparelho e não se organiza necessariamente sob a lógica representacional, mas é descarregado muito aquém da repressão.

Freud, ao descrever o processo de emergência do aparelho psíquico, produz uma ruptura central na concepção de corpo tal qual se obtinha na época, a partir dos modelos mecanicistas. Surge a adjetivação do somático, distinto do organismo biológico, e ligado a “processos determinados que se organizam segundo uma racionalidade ela própria determinável” (Assoun, 1996, p.67). Esta racionalidade, lógica própria que rege o conceito de corpo, é duplamente determinada pelo psíquico e pelo somático. O psíquico, de seu lado, se constrói sob a primazia do encontro do humano com as relações parentais, da estimulação e suprimento das necessidades, e cujo modelo originário seria, para Freud, o descrito pela vivência de satisfação (Caropreso, 2003), articulado com o somático o afluxo de afetos, da energia, pelo desejo inconsciente.

Quanto ao texto do *Projeto* (1895/2003), ao analisar a vivência de satisfação, verifica-se que devido à prematuridade do bebê, desde sua chegada ao mundo ele necessita do outro, da mãe ou seu substituto, para promover a mediação e fornecer ao bebê a leitura do mundo que lhe é apresentado pelos sons, odores, o toque, o paladar e, por fim, as imagens. Este estado original (de desamparo) insere o bebê de forma inexorável na dependência do outro maternal, que lhe satisfaça as necessidades e faça cessar a tensão interna que sente.

Além de permitir o surgimento do aparelho, Freud também alude a esse estado de vulnerabilidade característico do bebê humano, como um dos fatores participantes do surgimento da neurose. No início da vida, essas sensações corporais, sobretudo advindas desta vulnerabilidade, ocupam o primeiro plano e, à sua maneira, expressam uma queixa. A mãe, de seu lado, responde com a tentativa de apaziguar as sensações corporais desagradáveis, escutando, de certa forma, os sinais de um corpo que não é seu, identificando e interpretando os sinais e dando um fim adequado ao sofrimento.

Este trabalho de escuta e interpretação da mãe só é possível se, da parte dela, houver um investimento libidinal no corpo do bebê, sexualizando este corpo. A construção do auto-erotismo supõe originalmente a existência de um objeto maternal, que assegure a satisfação das primeiras necessidades. Com a perda deste objeto advém o auto-erotismo, um corpo sexualizado, promessa de prazer, pois supõe a existência de um primeiro tempo de satisfação das necessidades básicas.

O pólo investidor que permite que o corpo biológico se torne corpo erógeno, potencial para ser representado, sentido, é o outro, adulto e organizado psiquicamente, ou seja, o aspecto da alteridade. A existência de um outro sujeito para conter as necessidades do infante é a condição para que o corpo ganhe representação, um sentido de corpo próprio habitado pela linguagem (que vem de fora, estrangeira). Na neurose, o sintoma toma o corpo, isso quer dizer que o sujeito tem para onde endereçar a mensagem que vem de fora para o corpo representado. Assim, tanto o corpo psicanalítico quanto o campo representacional são instituídos pela alteridade. Freud parte de um postulado quantitativo e material em seu *Projeto* (1895/3003), descrição geral da estrutura e funcionamento do psiquismo e subscreve o corpo, portanto, com seu potencial excitável, como instrumento e condição para o desenvolvimento do aparelho psíquico.

105

Epistemologia e método em relação à questão do corpo

Ao percorrer a geografia epistemológica que no interior do movimento de construção do pensamento freudiano inicial problematiza a questão do aparelho psíquico, é possível perceber tanto a relação inicial do humano com o ambiente quanto o nascimento do aparelho psíquico organizados sobre três eixos fundamentais: a experiência inicial de dor, a de desamparo, a dependência de um outro sujeito mais organizado psiquicamente, e a constituição desse aparelho psíquico como consequência direta dessas sensações e relações.

Nessa organização de referenciais somáticos e psíquicos, de forma frequente a questão do corpo surge enquanto tema ou necessidade metodológica para a psicanálise, e precisa ser circunscrita sempre ao propósito da argumentação. No processo de instituição da psicanálise enquanto método original de tratamento e investigação, enquanto teoria e ciência, alguma parte do conceito híbrido de corpo é abandonada: o corpo na perspectiva

R
E
V
I
S
T
A

médica, o correlato neuroanatômico da lesão, a bioquímica clássica, a organização dos tecidos, a fisiologia própria. Em outros momentos, é exatamente do referencial do corpo que surge a exigência e a motivação da nova ciência: das crianças com paralisia cerebral, dos bloqueios e trocas dos afásicos, dos ataques e espasmos do corpo histérico, da insônia e das palpitações do neurastênico, da agonia da neurose de angústia, etc.

Contudo, toda a explicação do funcionamento psíquico por meio de um aparelho representacional nos textos citados é resultado do processo de circunscrição e significação da experiência real vivida, derivando mesmo um conceito de realidade próprio no qual se insere o aparelho formado por tais representações da realidade. Dotado de regras e dinâmica próprias, o aparelho é problematizado a partir da observação das dificuldades colocadas pela prática clínica e estudo das neuroses, e tem no corpo seu campo central de elaboração, meio pelo qual essa dita realidade é vivenciada e ascende ao campo da representação. A gênese do psíquico dá-se, portanto, pela experiência da realidade objetiva obtida a partir das experiências primordiais de prazer e desprazer. Por sua vez, apesar de constante nesse período o conceito de corpo em Freud dilata-se e abarca uma série polissêmica que abrange o funcionamento orgânico, o referencial anatômico, o fenomenológico e atinge, por fim, estado de simbólico, erógeno e de conteúdo representado.

Em um crescendo em complexidade, a teoria freudiana desenvolve uma abordagem própria e original do corpo e do sempre presente elemento da alteridade, da presença do outro na construção psíquica. Tem-se, na estruturação do aparelho psíquico, uma possibilidade de pensar o fator metapsicológico que liga o corpo vivido ao corpo representacional, bem como a função que toma a psicologia, em especial, a escuta analítica, enquanto instrumento de intervenção sobre o registro corporal. O corpo se encontra no centro da construção teórica freudiana tanto quanto em seu desenvolvimento técnico.

Freud questiona e discute a tradicional forma de encarar a influência da mente sobre o corpo, mas o faz de forma original e peculiar, indicando que essa relação requer uma análise de reciprocidade, entremeada e organizada pela experiência corporal, contudo, gozando de certa autonomia, de funcionalidade própria que descreve como o funcionamento do aparelho psíquico.

A partir de 1893, sobretudo com os Estudos sobre a *Histeria*, os mecanismos psíquicos de explicação da histeria se tornam mais dedicados, embasando pressupostos muito relevantes para as formulações psicanalíticas posteriores. Em 1894 conclui processos psíquicos totalmente isentos da consciência (neuropsicoses de defesa), explicando como o sujeito se defende de representações de alguma forma intoleráveis à consciência, isolando a idéia de sua quantidade de afeto. Surge a noção de recalque e de sexualidade. Nessa época temos, ainda, o meio do caminho da passagem da explicação fisiológica para a psicológica, num tipo de química ou fórmula complexa entre os processos fisiológicos e os essencialmente psicológicos. Nesse contexto surgem as idéias do *Projeto* (1895/3003), uma psicologia para neurologistas, no qual se propõe a idéia de um psiquismo inconsciente, alheio à consciência, e que abarca o surgimento e a psicopatologia do mesmo. Substituiu-se o aparelho da linguagem de anos antes (*Afásias* (1891/2008),) pelo aparelho neuronal, e a concomitância entre psíquico e fisiológico com a relação consciente e inconsciente.

106

R
E
V
I
S
T
A

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento desta pesquisa, da formação médico-materialista de Freud até o nascimento do conceito de aparelho psíquico, pode-se traçar o percurso que o corpo percorre no surgimento da metapsicologia freudiana, demonstrando ser o terreno sobre o qual se inscreve a relação primordial e constitutiva do psíquico, da subjetividade. Nessa relação primordial é a partir do desprazer que se tem acesso ao conhecimento de nossos órgãos, permitindo a representação de nosso corpo em geral.

A relação psíquico/somático se insere, metapsicologicamente, entre o prazer e o desprazer (posteriormente, entre vida e morte), e permite abordar um corpo representacional e um corpo aquém da simbolização, evidenciando o excesso impossível de ser representado, o transbordamento afetivo. Percebemos que, nessa época, Freud não submete o corpo exclusivamente ao reinado da representação, contudo, a abrangência da técnica e o desenvolvimento da teoria no campo do material não representado só ganhou espaço entre as escolas pós freudianas da psicossomática como com Pierre Marty e Joyce McDougall.

O conjunto das funções orgânicas em movimento e atravessadas pela linguagem (produto da alteridade), lugar da realização do desejo inconsciente, forma o corpo para a psicanálise, ou seja, o palco sobre o qual se desenvolve o complexo jogo entre psíquico e somático. Contudo, é impossível restringir a complexidade das relações entre somático e psíquico à representação do corpo. Com a clínica analítica subverte-se a noção de psicoterapia vigente na época em proveito do espaço transferencial. A psicanálise surge e se mantém como processo terapêutico evidenciando a relação entre corpo e psiquismo, teorizando a gênese da representação e do sintoma nessa relação. Este corpo, por sua vez, conceito recorrente em todo o trabalho (pois recursivo também em toda a obra freudiana), apesar de tão fundamental para nossa discussão, não é objeto direto da psicanálise, não é conceito metapsicológico, jamais fora descrito de maneira dinâmica, tópica ou econômica por Freud. Não há, ainda, teoria unificada na psicanálise sobre o corpo, tal qual a teoria da gênese dos sintomas neuróticos ou a teoria da pulsão.

Como demonstrado, o somático se encontra como categoria híbrida nos textos aqui estudados, mas sempre presente na formulação freudiana sobre a origem do psiquismo, daí a urgência de se defender sua atenção como utilidade prática no desenvolvimento da metapsicologia. Híbrido porque, entre carne, organismo e corpo, ou anatomia, fisiologia e representação, os problemas metodológicos e epistemológicos se distribuem, identificando-se ora com um, ora com outro, e exigem a posição e solução para essas querelas. Apesar da falsa sensação de unidade e de coerência, a noção de corpo se apresenta de maneira não tão homogênea no decorrer do discurso freudiano. O discurso sobre o surgimento do psíquico, mais ainda, se apresenta na exigência que se dê conta da unidade formada por figuras heterogêneas que delimitam o processo que permite o senso de unidade, de identidade, de certa lógica que encontramos entre nossa noção de existência e aquilo que sentimos, vemos, tocamos, aquilo que dói e que nos causa prazer.

A Clínica toma a partir deste momento de elaboração freudiana o valor de campo de pesquisa, de laboratório. Nas formulações subsequentes, os precipitados das vivências corporais de dor e de satisfação tomam o patamar de pilares das representações ideativas e afetivas, aspecto central da teoria da memória, protótipos de processos psíquicos normais e patológicos como o pensamento e a defesa.

Conclui-se destes avanços teóricos um aparelho que é fruto da organização contra a intensidade energética do sistema como um todo (psíquico e somático). O psíquico surge como organizador, ligando essas intensidades e inibindo a compulsão, organizando os processos de pensamento a fim de encontrar-se numa ação específica, processo no qual se faz imprescindível a ação do outro, adulto e modelo de identificação. O corpo é a coisa excitável, o material quantitativo, dependente e traumatizado pelo outro prestativo, e de onde se organizará enquanto processos facilitados o dito psiquismo. A alteridade se faz crucial nesta vivência, pois a necessidade de satisfação determina a premência da alucinação, o que só é possível na relação com o adulto psiquicamente organizado.

Corpo e representação ganham, nesse espaço inicial da obra de Freud, patamares de operadores teóricos. O primeiro determina o campo a partir do qual se desdobrará a relação de dor e de satisfação, é potencial excitável e sensível ao ambiente. O segundo determina a saída ideativa, a revivência alucinatória e a introjeção do mundo, o campo simbólico que torna a excitação fluida e maleável, passível de outras saídas que não a satisfação exigente e direta. Nessa relação temos o campo de atuação da psicanálise: o surgimento, organização e sofrimento psíquico, sabendo sempre que o corpo se insere intimamente nos três domínios.

Sem querer desejar a unidade, a simplicidade ou mesmo a possibilidade de uma teoria simplificada que descreva concretamente o surgimento do psíquico a partir do corpo, nem mesmo cercear e definir exatamente que corpo é este, com este trabalho pode-se ter a noção da profundidade, da importância e da complexidade do tema que abarca, indissolivelmente, a relação entre o somático e o psíquico para a psicanálise.

108

REFERÊNCIAS

Assoun, Paul.-L. (1996). *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. (Dulce Duque Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Caropreso, Fátima. (2003). As origens do conceito de inconsciente psíquico na teoria freudiana. *Natureza Humana*, jul-dez. pg 329-350.

_____. (1975). *Histeria* (1888a). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

_____. (1975). Prólogo a la traducción de H. Bernheim, De la suggestion (1888b). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

_____. (2008) *Sobre a concepção das Afasias: um estudo crítico*. Trad. Dr. Hélio Honda, da versão original (Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1891),

_____. (1975). Hipnosis (1891b) In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

_____. (1988). Algunas consideraciones con miras a un estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas (1893 [1888-93]). In: *Obras completas*. Buenos Aires; Amorrortu.

_____. (1975). Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria

adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias) (1894a). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

_____. (1975). A propósito de las críticas a la «neurosis de angustia» (1895a). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

_____. (1975). Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico (1914). In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. e Breuer, J. (1975). Estudios sobre la histeria (1895b). In *Obras completas*. Buenos Aires, 1975. Amorrortu Editores.

Gabbi Jr., Osmyr Faria (2003). *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. RJ, Imago.